

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**Clair Terezinha Penna Côrte Real**

**UM OLHAR SOBRE A FORMAÇÃO DE ALUNAS NEGRAS EM  
CURSOS DE GRADUAÇÃO DA UFSM**

**Santa Maria, RS  
2018**

**Clair Terezinha Penna Côrte Real**

**UM OLHAR SOBRE A FORMAÇÃO DE ALUNAS NEGRAS EM CURSOS DE  
GRADUAÇÃO DA UFSM**

Artigo de Graduação apresentado no Curso de Graduação Licenciatura em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM-RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Licenciatura em Ciências Sociais.**

Orientadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Leonice Aparecida de Fátima Alves Pereira Mourad

Santa Maria, RS  
2018

**Clair Terezinha Penna Côrte Real**

**UM OLHAR SOBRE A FORMAÇÃO DE ALUNAS NEGRAS EM CURSOS DE  
GRADUAÇÃO DA UFSM**

Artigo de Graduação apresentado no  
Curso de Graduação Licenciatura em  
Ciências Sociais, da Universidade Federal  
de Santa Maria (UFSM-RS), como  
requisito parcial para obtenção do grau de  
**Licenciatura em Ciências Sociais.**

**Aprovado em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2018:**

---

**Leonice Aparecida de Fátima Alves Pereira Mourad, Profª Drª (UFSM)**  
(Presidente/ Orientadora)

---

**Gabriela Dambrós, Ms. (UFRGS – SMED)**

---

**Renan Santos Mattos, Ms. (UFSC)**

Santa Maria, RS  
2018

## UM OLHAR SOBRE A FORMAÇÃO DE ALUNAS NEGRAS EM CURSOS DE GRADUAÇÃO DA UFSM

### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo efetuar uma análise etnográfica entre alunas negras de cursos de graduação da UFSM. Observar como para elas se dá a construção de conhecimento, enquanto alunas que buscam nos cursos de graduação oferecidos pela universidade a oportunidade de uma carreira profissional. Descrever através de entrevistas seus relatos e depoimentos juntamente com os significados que perfazem a construção de saberes como futuras profissionais em seus respectivas de áreas de atuação perfazendo seu capital simbólico e lapidando assim seu capital cultural em busca de conhecimento científico para sua formação discente. Fazer então uma análise do caminho dessas alunas como discentes da UFSM. Com esse trabalho espera-se contribuir por meio de suas análises e trazer a luz do reconhecimento a valorização das trajetórias dessas alunas.

**Palavras-chave:** Alunas negras. Cursos de graduação. Formação acadêmica.

### AN OVERVIEW OF THE TRAINING OF BLACK FEMALE UNDERGRADUATE STUDENTS FROM UFSM

#### ABSTRACT

This study aims to perform an ethnographic analysis among female black students from UFSM's undergraduate courses. To observe the way that knowledge is developed while students are in the course to become professionals. To develop through interviews their stories and testimonials with the meanings that make the build of knowledge as future professionals in their respective areas of occupation. These actions create their symbolic capital and lapidate their cultural capital in order to seek for scientific knowledge during their teacher training. To do an analysis of these students' academic course as UFSM's teachers training. With this study, I hope to contribute with the analysis and bring the light of recognition and valorization of these students' trajectories.

**Keywords:** Female black students. Undergraduate courses. Academic training.

#### 1 INTRODUÇÃO

“Temos o direito de ser iguais quando a diferença nos inferioriza; temos o direito a ser diferentes quando a igualdade nos descaracteriza.”  
Boaventura de Sousa Santos

Este artigo se propõe a refletir acerca da formação de alunas negras em cursos de graduação da UFSM. Através do método etnográfico por meio da descrição densa compreender nesta pesquisa um pouco da experiência vivenciada por estas alunas em seus respectivos a construção do conhecimento.

Procurou-se alunas que estejam cursando tanto cursos oferecidos pelas Ciências Sociais como de outros tantos cursos oferecidos pela USFM. Esta pesquisa tem o objetivo de tentar entender as experiências dessas alunas em sua formação acadêmica, o processo desde a sua entrada no curso até o momento em que se encontram.

Para tanto serão convidadas algumas alunas negras que estejam dispostas a se submetem um questionário e analisar os fenômenos relativos a vivência das mesmas me baseando em conceitos teóricos metodológicos de autores clássicos como Abrahão (2004), Beauvoir (1980), Bluter (2003), Bourdieu (1989), Bzuneck (2004) Constituição Federal (1988), Durkheim (1952), Fernandes (1978), Ferreira (2006), Fraser (2001, Freire (1996, 1997, 1999), Geertz (1989), Habermas (2004), Honneth (2003), Lei 10.639 (2003), Louro (2002), Martinelli e Bartholomeu (2007), Munanga (2008), Romanelli (1991), Scott (1995), Silva (2007), Souza (1983), Vygotsky (2005 ), onde os quais trabalham sobre narrativas, poder simbólico e cultural, descrição densa, trajetórias acadêmicas, reconhecimento, sociologia e antropologia, aprendizagem, conflitos, relações étnico raciais, motivação, integração dos negros em sociedade e a educação como prática para construção de conhecimento.

Esta pesquisa teve início logo após os primeiros encontros com a minha orientadora a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Leonice Aparecida de Fátima Alves Pereira Mourad, a qual já vem me orientando desde o TCC I. Nas minhas idas e vindas para UFSM comecei a observar as alunas principalmente as alunas negras que sempre me chamavam a atenção pensando quais cursos estavam cursando na UFSM.

Comecei então a elaborar que seria interessante saber um pouco da história e trajetórias dessas alunas enquanto discentes que estavam em busca formação acadêmica.

Partindo dessa premissa estou em busca de juntamente com algumas alunas negras descrever um pouco sobre este caminho que as mesmas estão perfazendo em cursos oferecidos pela UFSM. Espero com esta experiência trazer à luz como são construídos os caminhos da trajetória acadêmica de alunas negras e que possa assim servir de incentivo a tantas outras alunas que por ventura possam estar

querendo adentrar no mundo acadêmico. Sendo assim, observar, descrever por meio da experiência prática etnográfica contribuir na abordagem dessa relação alunas e cursos de graduação da UFSM.

E como expõe Bourdieu (1989) quando diz que

[...] o cume da arte sociológica, por pouco realizável que seja, só o é se se firmar numa objetivação completa quanto possível do interesse a se objectivar o qual está inscrito no facto da participação, e pôr-em-suspensão desse interesse e das representações que ele condiz (BOURDIEU, 1989, p. 58).

Sendo assim partimos para junto de algumas alunas negras de cursos de graduação da UFSM objetivar esta pesquisa através da colaboração das mesmas que se dispuseram através de entrevistas relatar um pouco da sua trajetória acadêmica.

A motivação foi perceber que nos corredores dos prédios, 74 A, B e C onde são ministrados os cursos do CESH da UFSM, percebe-se o fluxo de alunas negras estão em busca de formação em cursos de graduação reforçando e reafirmando uma trajetória que cada vez mais é preenchida nas várias formas de reconhecimento dos capitais simbólicos e culturais nos permitem um olhar com mais atenção.

Como o artigo parte da visão etnográfico como expõe Geertz (1989), procurei compreender as experiências das alunas negras que estão em cursos de graduação na UFSM. Assim parti para o campo em busca de contatos e informações junto de alunas negras que estivessem dispostas a colaborar comigo para a realização deste Artigo de Conclusão de Curso em Licenciatura em Ciências Sociais.

O tema de nossa investigação é a formação acadêmica de alunas negras em cursos superiores de graduação na UFSM. O objetivo geral consiste em compreender junto de alunas negras em cursos superiores de graduação na UFSM, como se deu a formação acadêmica das mesmas. Como objetivo específico destacamos: Descrever através do estudo de caso como se dá a formação das 4 alunas negras em cursos superiores de graduação na UFSM através da pesquisa qualitativa com o meio de entrevista semi-estruturada fazendo um aporte com teóricos e dados documentais.

A justificativa para a presente pesquisa decorre do interesse em compreender a temática do acesso de mulheres negras ao ensino superior, através das ações afirmativas.

A política de cotas permite um maior acesso aos estudantes oriundos de escolas públicas, índios, negros e de baixa renda terem oportunidade de ocuparem vagas oferecidas em cursos superiores em universidades tanto públicas como privadas de estudarem.

Nesse contexto na UFSM percebe-se um maior número de estudantes negros que estão em cursos de graduação superior. Assim percebendo esse fluxo de alunos negros/as como também indígenas no *campus* universitário refleti sobre a possibilidade de fazer uma pesquisa que trouxesse sobre a trajetória acadêmica desses alunos/as.

Procurei observar mais e percebi que seria interessante fazer essa pesquisa com alunas negras em cursos de graduação na UFSM.

Para o efeito dessa pesquisa consegui contato com 4 alunas negras que se dispuseram através de entrevista semi-estruturada fazer parte contanto sobre sua trajetória acadêmica. Entender o percurso dessas 4 alunas negras como discentes em cursos de graduação na UFSM, suas experiências, expectativas e projeções após concluírem os respectivos cursos, vai possibilitar fazer reflexões sobre a formação das mesmas. Se a importância dada pelas alunas negras corresponde ao que esperam alcançar como futuras profissionais em suas áreas de formação.

No que diz respeito a metodologia utilizei da pesquisa bibliográfica utilizando livros, sites e periódicos que permitiram o embasamento teórico. Também foi utilizando a pesquisa documental em/com dados oficiais buscados em órgãos como o IBGE (Instituto Brasileiro de Pesquisa e Estatística), INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira). Um estudo de caso com 4 alunas negras perfazendo assim uma pesquisa qualitativa com o uso de entrevista semi-estruturada que vai fornecer o conteúdo básico para a construção desta pesquisa que resultou nesse artigo, utilizei ainda a observação direta, bem como a sistematização dos dados em diário de campo.

## **2 ALGUNS APONTAMENTOS TEÓRICOS**

Antes de falarmos da trajetória das alunas negras vamos fazer uma breve retomada sobre a história da educação brasileira, que sociologicamente assumiu um caráter de distintivo social, capaz de dar status.

A palavra educação se origina da palavra latim *educare* que pode ser explicada como a ação de orientar. Para a legislação o ato de ensinar referia-se à

instrução ou procedimentos de formação não apenas nas instituições de ensino, mas também em outras instancias culturais como a família, igreja, associações e grupos comunitários.

A educação no Brasil era reservada a classe dominante voltada a estratificação e dominação social em uma sociedade arraigada por uma cultura configurada na ideia de que o ensino era apenas para alguns e os demais não precisam aprender. No período colonial e monárquico era fundado na dominação e controle do saber caracterizando um modelo de importação de pensamento europeu (ROMANELLI, 1991) favorecendo a família patriarcal dominante e detentora dos meios de conhecimento e do ensino.

Caracterizou assim um modelo aristocrático da vida colonial com fatores fundamentais para a formação educacional brasileira e organização social com conteúdo transportado para a colônia por padres da companhia de Jesus (ROMANELLI, 1991) que cultivavam as letras com uma formação deficitária que não favorecia uma alfabetização que pudesse permitir que a escravos ficassem a margem da sociedade.

Para tanto a educação possui uma dimensão política que assume um papel na formação do indivíduo tornando-se um desafio em uma sociedade fragmentada imbuída de diferentes conceitos.

Hoje a educação, apresenta-se mais democratizada, combinando-se com lutas por cidadania, inclusão e reconhecimento do outro (HABERMAS, 2004) construindo sua própria trajetória enfrentando as diversas questões tanto na ordem moral, cultural individual ou coletiva na interação típica das complexas relações em sociedade principalmente com a educação.

A escolarização como processo de aprendizagem é a ação onde o aluno recebe e ressignifica conhecimentos denominados escolares. Como conteúdos escolares entendemos o conjunto de valores, conhecimentos, habilidades e atitudes que o professor deve ensinar para garantir o desenvolvimento e a socialização escolar do estudante. Vygotsky (2005) expõe que aprender é ponto de partida para o desenvolvimento. O pensamento não fica estagnado diante de uma nova aprendizagem. Seus processos mentais adquirem outras formas de pensar e agir diante das situações vividas, e “Embora o processo de aprendizado siga a sua própria ordem lógica, desperta e dirige, na mente da criança, um sistema de

processos oculto à observação direta do sujeito às suas próprias leis de desenvolvimento” (VYGOTSKY, 2005, p. 127).

A educação é um processo social com a capacidade de fazer com que diferentes e iguais ao mesmo tempo compartilhem o ensino adequando meios específicos a realidade escolar. Nesse sentido a educação tem por significado e finalidade a ampliação de horizontes dos indivíduos em relação à sociedade, que começa na família.

A Constituição Federal de 1988, no capítulo que se refere a educação, criou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/96, assumisse esse conceito já no § único do art. 11 ao assimilar a possibilidade de o Estado e os municípios se constituírem como um sistema único de educação básica definida no artigo 21 como nível de educação nacional e que congrega as três etapas sendo a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio como fases de escolarização. Esse processo pode resultar então na inserção ao ensino superior em universidades tanto públicas como privadas.

O ensino superior ou educação superior é o nível mais elevado dos sistemas educativos. Se refere a educação em universidade, faculdades, institutos politécnicos, escolas superiores e outras instituições que com graus acadêmicos e diplomas profissionais. Para tanto em seu quando funcional fazem parte profissionais graduados e aptos a função de professores que ministram cursos de bacharelado, licenciaturas, mestrados e doutorado. Abaixo quadro explicativo das fases do ensino superior.

## 2.1 Formação superior

A educação superior abrange os seguintes cursos e modalidades de ensino:

• **Cursos de Graduação:** são abertos a candidatos que tenham concluído o ensino médio ou equivalente e tenham sido classificados em processo seletivo. Os cursos de graduação conferem diploma aos concluintes e podem ser:

- ° Bacharelados (diploma)
- ° Licenciaturas (diploma)
- ° Tecnólogos (diploma)

- **Cursos Seqüenciais:** são organizados por campo de saber, de diferentes níveis de abrangência, abertos a candidatos que atendam aos requisitos estabelecidos pelas instituições de ensino, desde que tenham concluído o ensino médio ou equivalente. Podem ser de:

- Formação específica (diploma)
- Complementar (certificação)

- **Cursos de Extensão:** abertos a candidatos que atendam aos requisitos estabelecidos em pelas instituições de ensino. Conferem certificado aos concluintes.

- **Cursos de Pós-Graduação:** os programas de mestrado e doutorado (pós-graduação stricto sensu) e cursos de especialização (pós-graduação lato sensu) são abertos a candidatos diplomados em cursos de graduação e que atendam às exigências das instituições de ensino. São modalidades de pós-graduação:

- Lato Sensu (certificado)
- Stricto Sensu (diploma)

O ensino superior pode ser ministrado nas seguintes modalidades:

- **Presencial:** Quando exige a presença do aluno em, pelo menos, 75% das aulas e em todas as avaliações.

- **A distância:** Quando a relação professor-aluno não é presencial, e o processo de ensino ocorre utilizando os meios de comunicação: material impresso, televisão, internet, etc.

No que diz respeito a situação legal dos cursos, destaco que, ao ingressar no ensino superior, é importante que seja verificada a regularidade dos cursos de graduação oferecidos pelas instituições de ensino. A oferta de curso superior sem o devido ato autorizativo (autorização, reconhecimento e renovação de reconhecimento) configura irregularidade administrativa, sem prejuízo dos efeitos da legislação civil e penal. Conheça os atos autorizativos dos cursos:

- Para iniciar a oferta de um curso de graduação, a instituição de ensino superior depende de autorização do Ministério da Educação. A exceção são as universidades e centros universitários que, por terem autonomia, independem de autorização para funcionamento de curso superior. No entanto, essas instituições devem informar à Secretaria competente os cursos abertos para fins de supervisão, avaliação e posterior reconhecimento, conforme disposto no art. 28 do Decreto nº 5.773/2006;

- No processo de autorização dos cursos de graduação de direito, medicina, odontologia e psicologia, inclusive em universidades e centros universitários, a Secretaria de Educação Superior considera a manifestação do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil e do Conselho Nacional de Saúde (Art. 28, §2º do Decreto nº 5773, de 9 de maio de 2006);

- Nos processos de autorização dos cursos, são avaliadas três dimensões: a organização didático-pedagógica; o corpo docente e técnico-administrativo e as instalações físicas oferecidas pela instituição para a oferta do curso.

- O reconhecimento deve ser solicitado pela instituição de ensino quando o curso de graduação tiver completado 50% de sua carga horária (e antes de completar 75%). O reconhecimento do curso é condição necessária para a validade nacional dos diplomas emitidos pela instituição.

Assim como nos processos de autorização, o Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e o Conselho Nacional de Saúde (CNS) têm prerrogativas para manifestar-se junto ao Ministério da Educação no ato de reconhecimento dos cursos de graduação de direito, medicina, odontologia e psicologia.

A renovação do reconhecimento deve ser solicitada pela instituição de ensino a cada ciclo avaliativo do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinapes).<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Dados retirados do site e-MEC em 15/10/2018.

## 2.2 Alguns dados sobre a Universidade Federal de Santa Maria

A UFSM foi criada pela Lei nº 3.834-C, de 14 de dezembro de 1960, instalada em Santa Maria em 18 de março de 1961. Hoje a Universidade Federal de Santa Maria, com 57 anos de história, é uma instituição de ensino superior público, gratuito e de qualidade que construiu credibilidade e tradição ao longo de sua trajetória, oferecendo 89 cursos de graduação no *campus* sede, 07 no *campus* Palmeira das Missões, 08 no *campus* Frederico Westphalen, 05 no *campus* Cachoeira do Sul, 06 no *campus* de Silveira Martins.<sup>2</sup>

Oferta ainda cursos de graduação que podem ser feitos na modalidade à distância, a EAD. Atualmente, conta com dez unidades universitárias espalhadas pelo Rio Grande do Sul, além de quatro estabelecimentos de educação básica, técnica e tecnológica.

Essas unidades contribuem para o desenvolvimento local nas regiões onde são estrategicamente implantadas e recebem alunos de todos os estados do Brasil em busca de aprendizado e qualificação profissional. Assim, com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento da região Norte do Rio Grande do Sul, em 13 de janeiro de 2005 foi realizada uma Audiência Pública para tornar possível a instalação de uma extensão da UFSM em Frederico Westphalen. Com a confirmação da vinda de uma universidade pública para a região, foi dado início ao projeto de instalação do *campus*.

Em dezembro de 2005, o então presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, assinava um contrato que estabelecia um convênio entre o Governo Federal e a UFSM, que permitia o repasse de recursos da União para o início das obras. Posteriormente, em março de 2006, estavam abertas as inscrições para o primeiro vestibular do *campus* de Frederico Westphalen e, também, do *campus* de Palmeira das Missões. Já em julho de 2007, ocorria a inauguração oficial dos primeiros prédios da UFSM na região Norte do Rio Grande do Sul. Próximo de completar seus 10 anos de história, ocorreu a separação estrutural da unidade CESNORS/UFSM no início de 2016.

Além de que, o *campus* de Frederico Westphalen ao longo de sua trajetória na região, traz mudanças e contribui para o desenvolvimento econômico, cultural, social e científico da região. A universidade, também, é responsável por gerar

---

<sup>2</sup> Dados retirados do site da UFSM em novembro de 2018.

empregos para centenas de pessoas e qualificar muitas outras, já que contribui profissionalmente para as empresas do estado e do país. Isso ocorre em razão dos servidores e acadêmicos, desde o princípio, unirem forças para tornar o *campus* um dos melhores em qualidade de ensino, pesquisa e extensão.

Atualmente, o *campus* conta com seis cursos de graduação e também dispõe do curso de Pós-Graduação em Agronomia - Agricultura e Ambiente. A unidade da UFSM, em Frederico Westphalen, tem orgulho em ver o reconhecimento desse esforço com o resultado das pesquisas do Ministério da Educação (MEC), em que os cursos do *campus* receberam conceito máximo, e das avaliações do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), onde a UFSM está entre as 16 melhores do Brasil.

No contexto para oferecer oportunidades a alunos que queriam ingressar em universidades o governo implantou através das Ações Afirmativas a Política de Cotas a qual a UFSM reserva vagas a alunos auto-declarados afrodescendentes, indígenas, pessoas com necessidades especiais e ou oriundas de escola pública e baixa renda em seus diversos cursos.

Essas ações afirmativas são políticas do Estado e da iniciativa privada que tem como objetivo corrigir e ou mesmo reparar desigualdades presentes na sociedade. São medidas específicas que pressupõem uma reparação histórica de desigualdades e desvantagens facilitando o acesso de grupos minoritários proporcionando uma igualdade de oportunidades.

Um exemplo de ação afirmativa é o sistema de cotas para ingresso em cursos superiores. O desafio é demonstrar que a política de cotas pode funcionar como um caminho para a inclusão social. Manter redistribuição de políticas de cotas poderia ser um processo positivo de superação da exclusão da juventude negra, pobre, indígena e portadores de necessidades especiais.

As cotas constituem uma medida sem valor, tendo em vista que o verdadeiro problema é a péssima qualidade da educação pública, nos níveis que antecedem a Universidade. De outro ponto de vista, os problemas de avanço na cobertura e qualidade não são sequenciais e devem ser enfrentados conjuntamente. A educação deve melhorar e ser mais democrática em todos os seus níveis, assim proporcionando a igualdade social, equilibrando desigualdade. Segundo o SEPPIR, órgão do MEC:

Ações afirmativas são políticas públicas feitas pelo governo ou pela iniciativa privada com o objetivo de corrigir desigualdades raciais presentes na sociedade, acumuladas ao longo de anos. Uma ação afirmativa busca oferecer igualdade de oportunidades a todos. As ações afirmativas podem ser de três tipos: com o objetivo de reverter a representação negativa dos negros; para promover igualdade de oportunidades; e para combater o preconceito e o racismo (MEC).

A Seppir atua em parceria com outros entes do governo e da sociedade na elaboração, execução e acompanhamento de ações afirmativas em áreas como saúde, educação, trabalho, juventude e mulheres, entre outras.

No ano de 2012, o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu por unanimidade que as ações afirmativas são constitucionais e políticas essenciais para a redução de desigualdades e discriminações existentes no país.

Vale lembrar que as políticas de ações afirmativas não são exclusivas de Universidades Públicas. A iniciativa privada e as organizações sociais sem fins lucrativos também são atores importantes neste processo, podendo atuar em conjunto, dando suporte, ou de forma complementar ao governo.

As ações afirmativas no Brasil partem do conceito de equidade expresso na constituição, que significa tratar os desiguais de forma desigual, isto é, oferecer estímulos a todos aqueles que não tiveram igualdade de oportunidade devido a discriminação e racismo (SEPPIR-MEC).

Uma ação afirmativa não deve ser vista como um benefício, ou algo injusto. Pelo contrário, a ação afirmativa só se faz necessária quando percebemos um histórico de injustiças e direitos que não foram assegurados.

O termo ação afirmativa foi utilizado pela primeira vez nos Estados Unidos, na década de 60 do século XX, para se referir a políticas do governo para combater as diferenças entre brancos e negros. Antes mesmo da expressão, as ações afirmativas já eram pauta de reivindicação do movimento negro no mundo todo, além de outros grupos discriminados, como árabes, palestinos, kurdos, entre outros oprimidos (SEPPIR-MEC).

Encontramos no site do MEC que:

No Brasil, as ações afirmativas integram uma agenda de combate a herança histórica de escravidão, segregação racial e racismo contra a população negra. Para compreender a necessidade de uma ação afirmativa, é preciso, antes de tudo,

compreender o contexto social vivido por um país, por isso o que gera preconceito por parte de setores da sociedade em muitos casos é analisar uma ação afirmativa sem antes entender o histórico que precedeu a política pública.

Ao tratar as cotas para negros nas universidades, por exemplo, é preciso retornar ao Brasil colonial e perceber como o processo de escravidão criou desigualdades sociais que são presentes até hoje, mesmo após 130 anos da abolição da escravidão. A leitura dos dados do IBGE demonstra a disparidade da presença de negros nas universidades comparados com o percentual desta população no total de brasileiros, resultando daí a necessidade das ações afirmativas (SEPPIR-MEC).

Uma ação afirmativa não deve ser vista como algo paternalista ou que cria dependência. Elas são ações necessárias para a correção de desigualdades. Tão logo estas desigualdades desaparecem, a adoção de ações afirmativas deixa de ser necessária (SEPPIR).

Feitas essas considerações passo a apresentar a temática no contexto da Universidade Federal de Santa Maria.

Dessa forma também se observa como se dão as relações étnico raciais já que com um maior número de alunos e alunos de outras cidades ao redor Santa Maria, do interior do estado do RS, de outros estados do Brasil e também que fazem intercâmbio nos vários cursos oferecidos pela UFSM, prevalecendo assim diversas e assimétricas relações culturais, sociais e econômica.

A observação direta do contexto da UFSM aponta para a coexistência de diversas etnias que cruzam e se entrecruzam nas relações tanto entre alunos como com professores, funcionários perfazendo variadas interações e relações, como uma visível sub-representação da população negra. Aqui refiro que etnia é entendida como termo ou conceito para o pertencimento a um grupo ancestral, étnico e racial cuja a identidade é definida pela língua, cultura, religião, tradições, momentos históricos e territoriais onde a solidariedade se dá conforme o interesse do grupo.

O parecer CNE/CP n. 03/2004, aprovado em 10 de março de 2004 e homologado em 19 de maio de 2004 pelo Ministro da Educação, expressa que as políticas de ações afirmativas, no campo educacional, buscam garantir o direito de negros, negras e cidadãos brasileiros em geral a terem acesso a todas as etapas e modalidades de ensino da educação básica com estruturas adequadas.

Mesmo que as relações étnico-raciais sofram com uma falta de relações interpessoais respeitáveis e igualitárias entre os agentes sociais que integram o cotidiano das instituições de ensino ainda há falhas a serem sanadas.

Com a Lei nº 10.639/03, sintonizada com o parecer da inserção das relações étnico-raciais é de suma importância discussões que trabalhem mais sobre o processo de identidade étnico-racial.

Também é importante ser observado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) sobre o “outro”, a alteridade, que possibilita a construção das noções de semelhanças e diferenças.

A população negra no Brasil foi historicamente excluída e encarcerada em formas institucionais e culturais de racismo que, a partir do não reconhecimento de seus direitos civis e sociais, impediram o exercício de sua cidadania, limitando o pleno desenvolvimento de suas potencialidades e os excluindo social, econômica, cultural e politicamente.

Não se pode desconstituir direitos sociais em prejuízo à inserção social. Nesse contexto, as políticas afirmativas, mais especificamente, as políticas de cotas sociais e raciais para ingresso nas universidades surgiram como formas de reconhecimento social das lutas e direitos dessa população.

Essas políticas podem gerar redução dos preconceitos e discriminações, proporcionado através da redistribuição e do reconhecimento como expõe Fraser (2001) em *“Da Redistribuição ao Reconhecimento? Dilemas da Justiça na Era Pós-Moderna”*, na visão de justiça social que venha a reparar desigualdades. Pesquisas recentes sobre os impactos dessas políticas têm indicado a necessidade de aprimoramento das mesmas, visando, por exemplo, não somente a inserção nas universidades, mas também a permanência.

Nesse sentido o Programa de Apoio ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – Reuni –, instituído pelo Decreto n. 6.096, em 24 de abril de 2007, que tem como uma das principais diretrizes que as universidades contempladas desenvolvam *“mecanismos de inclusão social a fim de garantir igualdade de oportunidades de acesso e permanência na universidade pública a todos os cidadãos”*. O desafio é demonstrar que a política de cotas pode funcionar como um caminho para a inclusão social. Manter redistribuição de políticas de cotas poderia ser um processo positivo de superação da exclusão da juventude negra, pobre, indígena e portadores de necessidades especiais (MEC).

Nesse sentido a educação deve ser mais democrática em todos os seus níveis, assim proporcionando a igualdade social, equilibrando desigualdade. Resultados preliminares do presente estudo corroboram pesquisas sugerindo, tanto a relevância dessas políticas para romper com um histórico de desrespeito e exclusão, como atenção sobre suas insuficiências e limitações. Referindo então aos 10 anos da política da Lei de Cotas, apresentamos o gráfico abaixo.

Figura 1 – Dez anos após a implantação das primeiras leis de cotas no país



\* Amarelos e indígenas não foram incluídos devido ao tamanho da amostra.

\*\* No Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul, ao menos ou 23% das vagas em universidades públicas são reservadas para políticas de ação afirmativa.

Fonte: Grupo de estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa e Pnad/IBGE

A essa reflexão se percebe a proposta das ações afirmativas levantada pelo movimento negro brasileiro, nos últimos dez anos e como esse processo, entre passado, presente o futuro de acessibilidade da comunidade negra, no ingresso nos bancos universitários ainda precisa ser olhado.

A superação da carência social, econômica e política causada pelo racismo é colocada pelas ações afirmativas como possibilidades de expectativas de melhorias e possibilidades sociais, principalmente no campo da educação.

A problemática da diversidade no Brasil, embora apareça nas discussões educacionais nos anos 1990, é antiga, acompanha a história de lutas por inserção cidadã na sociedade, empreendidas por indígenas, negros, sem-terra, empobrecidos, outros marginalizados pela sociedade (SILVA, 2007).

Como marca identitária a “*negritude*” se denomina como característica ou estado de negro. Para a Sociologia se reporta como o sentimento de orgulho ou conscientização da cultura negra, valorização das peculiaridades, valores culturais, orgulho racial oriundos e pertencentes à cultura dos negros, ou seja, um conjunto de valores culturais e espirituais da cultura negra.

No Brasil surge a partir de 1970, como termo recorrente da língua portuguesa se referindo a condição do negro, quando havia alguma referência por autores e ou sofriam críticas que para Fernandes (1978) provém de uma história deturpada

[...] A nossa história tem sido exageradamente deturpada pelos interessados em esconder a face histórica interessante ao Negro, aquilo que se poderia dizer a “negritude” da nossa evolução nacional; cessem, por conseguinte, os mitos, e [...] os excessivos louvores aos estrangeiros de ontem, italianos e companhia, e faça-se justiça ao Negro (FERNANDES, 1978, p. 33-34).

Contextualizar com o presente e o passado se faz necessário para que aprofundar conhecimento partindo para uma reflexão sobre a condição do negro em sociedade. A inclusão da Lei nº 10.639/03, sobre a inclusão da cultura afro-brasileira fazem parte da construção da identidade negra, passando pelo contexto histórico brasileiro.

### **2.3 Alguns apontamentos sobre a temática de gênero**

A questão gênero nas universidades é cada vez mais discutida em seminários, palestras encontros se verificando que temática com diferenças e desigualdades precisa de atenção tanto quanto em suas representações. Tradicionalmente gênero identificava o que era masculino ou feminino.

Do ponto de vista das Ciências Sociais e da Psicologia, gênero é entendido como aquilo que diferencia socialmente as pessoas, levando em consideração os padrões histórico-culturais. Como papel social o gênero pode ser construído e desconstruído tornando-se mutável e não limitado. Já no estudo biológico é utilizado para a classificação científica e agrupamentos de organismos vivos. Em sociedade identifica o modo de um indivíduo em seu papel social de gênero e sentimento individual como pessoa.

O termo "gênero" torna-se, antes, uma maneira de indicar "construções culturais" - a criação inteiramente social de ideias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens

exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. "Gênero" é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Com a proliferação dos estudos sobre sexo e sexualidade, "gênero" tornou-se uma palavra particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens (SCOTT, 1995, p. 75).

Para a autora, gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e também um modo primordial de dar significado às relações de poder. Para ela, essas duas proposições estão intrinsecamente relacionadas. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre a mudanças nas representações de poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um único sentido. Embora gênero não seja o único campo no qual o poder se articula, ele parece ter constituído um meio persistente e recorrente de dar eficácia à significação do poder como o exemplo do Ocidente, nas tradições judaico-cristã e islâmicas.

O gênero feminino se faz presente em grande número nos vários cursos oferecidos pelas universidades e sabemos que esse é um campo de disputa de saber tanto cultural, social, político e econômico. Butler (2003) entende que a questão do gênero é condição para as transformações sociais relativas à sexualidade e em diversos campos do conhecimento, em lutas políticas, exclusão, preconceito e violência.

Na política do feminismo, movimento social que reivindica a igualdade e oportunidades entre homens e mulheres se fortaleceu a partir do século XIX. A sociedade somente o homem de posse podiam frequentar lugares destinados a eles e as mulheres ficavam sempre em segundo plano se sujeitando até como deveriam se vestir e se comportar em público.

Em relação a educação se apresentava de forma dualista. Para as meninas o estudo era direcionado para serem donas de casa, mãe de família, tinham a escrita, a leitura. Para os meninos as atividades eram voltadas ao público e ao domínio das ciências.

Em seu livro "O Segundo Sexo" Beauvoir (1980), refere em suas contribuições a educação que as mulheres ainda não conseguiram alcançar totalmente a igualdade de direitos, existem mudanças desde o século XIX, no âmbito da educação, direitos como o voto, direito a vagas políticas o que ainda nos dias atuais as mulheres precisam de lutas por direitos.

O feminismo sempre buscou igualdade entre os sexos, bem como considerar tudo que foge do que é estabelecido como normal ou que escapa da ordem, da moral e dos bons costumes, por isso tornou-se um movimento tão polêmico

[...] Os estudos feministas constituem-se, assim, como um campo polêmico, plural, dinâmico e constantemente desafiado; um campo que tem o autoquestionamento como “marca de nascença”. Como consequência, isso implica um fazer científico que supõe lidar com a crítica, assumir a subversão e, o que é extremamente difícil, operar com as incertezas (LOURO, 2002, p. 14).

Vencer paradigmas dos campos tanto social, político, a inclusão em diversos espaços disciplinares é tarefa das ciências sociais para uma maior integração estrutural e institucional da mulher em sociedade.

### **3 ETNOGRAFIA DE DISCENTES NEGRAS DA UFSM**

Após esse recorte teórico para buscar um maior embasamento partimos para a análise de nossa pesquisa dando esse olhar com mais atenção sobre a trajetória de alunas negras em cursos de graduação na UFSM tentei buscar algumas que pudessem e tivessem tempo para expor sobre sua caminhada acadêmica.

Para a primeira entrevista efetiva depois de mudar um pouco o foco da minha pesquisa que passou a não mais observar somente alunas negras que cursavam os cursos de Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais na UFSM, mas sim observar alunas negras de outros cursos oferecidos por esta instituição de ensino.

A dificuldade com as poucas alunas negras da minha área que é as Ciências Sociais foi o fato de que as alunas do curso que mantive contato para entrevistas me pareceram não se sentirem à vontade para exporem sua trajetória acadêmica devido ao tempo e a correria do dia a dia que se divide entre o trabalho e a vinda para estudarem à noite, lembrando a exposição do trabalho de ABRAHÃO (2004) quando em *Tempos, Narrativas e Ficções: A Invenção de Si*, destaca que o indivíduo tem a capacidade de se reinventar para superar diversos momentos em sua existência. Para tanto alunas negras de outros cursos da UFSM como a do curso de Educação Especial Noturno onde tive o prazer de encontrar com uma aluna que foi minha colega em uma disciplina no Centro de Educação, a Eli como vou chamá-la no decorrer deste artigo, se dispôs dizendo que seria um prazer falar sobre sua trajetória acadêmica.

Outra aluna, Sara do curso de Licenciatura em História e a Lise que cursa Ciências Contábeis também se mostraram abertas e interessadas em colaborar. Essas alunas todas foram muito prestativas e atenciosas quando foram abordadas por mim que na ocasião expus que estava querendo dar um olhar sobre a trajetória de alunas negras em cursos de graduação na UFSM.

Com o termo de consentimento com os dados da minha orientadora a em mãos consegui então três alunas negras dispostas a colaborarem comigo para este Artigo de Conclusão de Curso em Licenciatura em Ciências Sociais pela UFSM. Sendo assim então em 13 de setembro de 2018 comecei a fazer o que seria o embasamento do meu estudo sobre alunas negras cursando cursos da UFSM, com a primeira entrevistada a Eli aluna do curso Educação Especial Noturno que me recebeu na casa dela.

Sara estudante do curso de Licenciatura em História me respondeu no dia 18/09/2018 à tarde quando usamos como local de encontro laboratório de informática no quarto andar do prédio 74 C. E na tarde de 19 de setembro de 2018 no hall do prédio 74 C, a Lise, estudante do curso de Ciências Contábeis também respondeu a entrevista muito solícita e sorridente. Com Olivia, aluna do curso Ciências Sociais Bacharelado nos encontramos no dia 25 de setembro de 2018 no prédio 74 A um pouco antes do horário das aulas que iniciavam as 19:00 horas.

Sobre a trajetória escolar das alunas negras hoje presentes em cursos de graduação oferecidos pela UFSM, destaco as questões que seguem, informando ainda que utilizei nomes fictícios para identificar as entrevistadas.

Como trajetória escolar entende-se como todo período em que o aluno ingressa nas primeiras séries iniciais, passando pelo ensino médio até passar pela seleção do vestibular onde então será avaliado por provas que irão dizer se está apto a ingressar num curso de graduação. Isso perpassa em diferentes contextos, como descrevemos abaixo nos dizeres de algumas alunas negra.

*Eli, 38 anos estudante do curso Educação Especial Noturno do Centro de Educação da UFSM, estudou o ensino fundamental em escola pública municipal e o ensino médio em escola pública estadual concluindo o curso Normal antigo Magistério na sua cidade natal de Quaraí/RS onde morou até o ano de 2006 (diário de campo).*

*Olivia, 32 anos é aluna hoje do curso Ciências Sociais Bacharelado na UFSM. Vinda de escola pública durante o turno diurno gostando das disciplinas de*

*história e geografia porque tinha mais facilidade e dedicando assim mais tempo para elas. Concluiu o ensino médio levou um tempo para ingressar na UFSM, retardando assim o ingresso num curso de graduação (diário de campo).*

*Lise, 27 anos aluna do curso Ciências Contábeis relata que o ensino fundamental foi em escola particular, mas o ensino médio em escola pública com uma trajetória tranquila encerrando o ensino médio em condições para o ensino superior (diário de campo).*

*Sara, 21 anos aluna do curso Licenciatura em História descreve que para ela aconteceu de uma forma diferenciada de outros colegas (só depois com o tempo que foi perceber isso) por questões pessoais de auto estima e racismo sofrido a escola. Questionada sobre esse fato disse que não queria entrar em detalhes. No ensino médio trocou de escola e achei que as coisas seriam um pouco diferentes, não foram. Nessa trajetória fez amizades que carrega até hoje, não levo somente sentimentos ruins dos anos escolares (diário de campo).*

Percebemos que para todas as alunas negras o caminho foi mesmo que de qualquer outra/o aluna/o que tem direito a ingressarem na escola independentes de serem negros ou não. Mesmo algumas passando ou sofrendo situações em que possam ter tido alguma dificuldade de adaptação. A questão maior foi ter sido importante esse processo de escolarização para que hoje pudessem estar em cursos de graduação na UFSM.

Essa integração do negro em diversos setores tanto no campo econômico como social e cultural exposta por Fernandes (1978) permite que possam sentirem que estão vencendo barreiras impostas por anos de colonização quando o negro foi totalmente excluído do contexto social ficando à margem da sociedade. Enquanto falavam percebi o orgulho de estarem em um local que era somente lugar de privilégio branco. A essa superação Fernandes (1978) diz que

Penetramos, aqui, na área de incentivos e motivações sociais. Ao se reeducar para o sistema de trabalho livre, o “negro” repudia sua herança cultural rústica e o ônus que ela envolvia. Vence hábitos, avaliações e comprometimentos pré ou anticapitalistas. E descobre uma posição, que o nivela, material e socialmente, ao “branco” (FERNANDES, 1978, p. 154).

Assim as alunas negras que estão nos cursos de graduação começam a traçar um novo perfil no *campus* universitário buscando novas perspectivas em suas trajetórias de vida. Cada aluna negra traz consigo explicita uma vontade de fazer a trajetória acadêmica que a institucionalização do ensino lhes permite.

O curso é escolhido muitas vezes porque já tem alguém na família ou por afinidade com alguma disciplina que pode estar relacionada com as expectativas das alunas. Em algumas delas pude perceber que já tinham alguma afinidade ou porque tem alguém na família

*Eli relata que ingressou primeiramente no Curso de Educação Especial Diurno cursando o primeiro semestre, mas pedindo reingresso para o noturno no segundo semestre de 2016. Ingressou no curso de Educação Especial por cotas para negros sendo chamada na segunda lista de chamada da UFSM. Mudou de curso por motivo de trabalho. Trabalhava durante todo o dia e para não trancar o curso pediu reingresso para o noturno.*

*Questionada de como se sente em relação ao curso, diz que já está no 5º semestre do curso dizendo que está se encontrando naquilo que o curso oferece porque tem aspirações na área da educação especial. Expõe que a área da Educação Especial que se aproxima com seus objetivos é a área da baixa visão e cegueira pois já teve algum contato com pessoas com essa deficiência e foi muito produtivo trabalhar com elas.*

*Na disciplina de Metodologias Para Alunos Deficientes Visuais onde ouviu relato das com deficiência visual realizou trabalho para apresentar na Jai 2018, sobre As Vivências e Experiências dessas pessoas cegas e com baixa visão fez com que se apaixonasse. Mesmo cursando um curso à noite participa de uma bolsa na secretaria da pós-graduação do curso de Administração (PPGA) pela parte da manhã das 8 horas às 12 horas de segunda a sexta feira onde recebe o valor de R\$ 400,00 mensais o que usa com as despesas que tem como passagens de ônibus, custos com cópias de textos no xerox para o curso e na compra de alguns livros e em alguns eventos que participa.*

*Em sua formação acadêmica diz que o conhecimento é sempre válido em todas as áreas e sempre que possível faz cursos que tenham compatibilidade com o curso de Educação Especial pois tem expectativas de continuar estudando para buscar novos conhecimentos e poder trabalhar na sua área de formação sendo uma boa profissional, atuando com responsabilidade, entusiasmo, pois acredito que entusiasmo pela profissão e pelo trabalho é o que nos rege rumo ao sucesso.*

*Como aluna negra Eli diz que se sente bem no e com o curso de Educação Especial, entusiasmada com as coisas que está aprendendo no curso. Tenho colegas negros tanto como alunas e alunos. Tive uma professora negra no segundo semestre e nunca me senti discriminada ou constrangida. E questionada sobre o que lhe incentiva, falou que tem duas primas que fizeram o curso de Pedagogia na URCAMP na cidade de Alegrete, onde uma das primas também fez Pós-Graduação em Gestão Educacional na URCAMP na cidade de Uruguaiana e estão atuando na profissão já há uns 20 anos. Isso a incentivou muito porque desde criança gostava de imaginar que um dia seria professora.*

*Falando sobre como se sente em sala de aula como aluna negra cursando Educação Especial fala que sempre foi bastante incentivada tanto com os colegas como com professores para participar em eventos como em apresentação de trabalhos, dizendo que tem dois colegas negros no curso. Diz que se sente feliz e se descobrindo por que cada vez gosta mais e pretende ser uma profissional a altura do que estou aprendendo. Finaliza expondo que como aluna negra observa que ainda faltam mais incentivo aos alunos negros tanto para que consigam aproveitar mais a oportunidade das vagas oferecidas nas políticas de inclusão, mas também um maior empenho para que esses mesmos alunos que ingressam na universidade consigam concluir o curso e ter novas oportunidades no mercado de trabalho (diário de campo).*

*Olivia, destaca que sempre teve interesse pelas áreas humanas. Ingressei na UFSM no curso de Ciências Econômicas e por muitos fatores decidi mudar de curso e então escolhi Ciências Sociais Bacharelado por gostar da abrangência do curso para pesquisa. Foi bem acolhida no curso após a transferência. Não apenas me vejo, mas me sinto integrada pelo curso.*

*A maioria dos professores tratam o aluno de forma igual, sem impor sua autoridade. Os colegas na grande maioria são acessíveis. Senti uma distância com as colegas negras. Os alunos negros parecem viver em mundos paralelos, falta unidade dos alunos negros. Sobre a área das Ciências Sociais que mais gosta diz que é a Antropologia porque esta disciplina proporciona uma aproximação com a realidade.*

*Tudo na antropologia exige uma vivência, uma relação com o que acontece entre a sociedade e o indivíduo. Além das disciplinas que estão na grade curricular do curso participo de grupos de leitura e começando a participar de grupo de estudos e participo de uma bolsa de extensão. Acho importante buscar outras fontes de conhecimento, enriquece muito. Vou participar da JAI apresentando um trabalho sobre Reconhecimento Para a População Brasileira, também submeti trabalho para a Jornada de Ciência Política. Participar amplia mais meus conhecimentos. Com a conclusão do curso tenho sonho de seguir na carreira acadêmica. Foi uma conquista para o curso e um ânimo a mais para os alunos agora que tem o curso de doutorado, por isso vou me dedicar e seguir estudando sim. Profissionalmente espero seguir com o sonho da docência acadêmica mas sei que surgindo vagas na iniciativa privada para cientistas sociais para pesquisas, aí tenho que me preparar estudando cada vez mais. Questionada se na família haveria alguém mais estudando em universidades, disse que sim. Disse que a família em geral incentiva os estudos.*

*Tenho uma tia já aposentada formada em Pedagogia pela UFSM, uma outra formada em Ciências Contábeis pela UNIFRA. Tenho primos estudando na UFSM, um fazendo Odontologia e outro no curso de História. Todos nós temos consciência de que estamos na universidade pela política de cotas. Acho que ainda muitos outros alunos e alunas negros e negros tem que ocupar mais espaços nas universidades. Todos têm condições e ocupar os espaços é uma forma de inclusão e a educação é a forma de estarmos em igualdade para as*

*oportunidades que surgem tanto para o trabalho como em locais que exijam de nós uma atuação mais em pé de igualdade (diário de campo).*

*A escolha do curso Ciências Contábeis para Lise, diz que foi devido ao mercado de trabalho e porque se sente identificada com a área que a profissão oferece dizendo que se sente feliz pela busca de conhecimento, mas não especificou a área das ciências contábeis que lhe chama a atenção, mas mesmo assim diz ter como objetivo final o curso eu é trabalhar na área.*

*Não participa de bolsas, a família lhe suporte financeiro, ou grupos de estudos mas acha que é importante outras fontes de conhecimento que possam vir lhe aprimorar os estudos na área escolhida. Pretende após a conclusão do curso continuar estudando, fazer uma pós-graduação para ter uma melhor colocação no mercado de trabalho. Não respondeu se tem irmãos ou algum parente, primo ou primas que fizeram ou que estejam cursando algum curso em alguma universidade (diário de campo).*

*Para Sara, o curso de Licenciatura em História pela UFSM, expõe que como sempre gostou muito de ler e questionar, queria saber o motivo das coisas terem acontecido de tal forma no passado. Além disso, tem a questão da licenciatura que sempre me encantou, de poder transmitir um pouco de conhecimento a outras pessoas e assim aprendermos juntas. Se vê no curso resistindo sempre. Porque dentro curso mesmo não tendo dificuldades de relacionamento sempre procuro ocupar os espaços para ter minha voz ouvida. Existem outras colegas negras que também ajudam nesse quesito de me sentir bem e respeitada.*

*A área que está mais próxima de meus objetivos em relação ao curso é sobre a Pós-abolição e a Escravatura por questões pessoais de entender qual foi a história de meus antepassados, como eles resistiram a escravidão, quais foram suas estratégias e após esse período a pós-abolição está tão perto e traz um legado que resulta nas condições da população negra.*

*Para tanto faço parte GEPAC (Grupo de Estudos Sobre A Pós-Abolição) que estuda a trajetória de pessoas negras após a escravidão. Também faço parte do STADIUM, que se interessa por lazer e esporte. Além disso, sou integrante da Residência Pedagógica do curso e membro do FAROL, Grupo Universitário Cristão. Com toda a certeza outras fontes de conhecimento são de primordial importância. Fui bolsista do PIBID por quase 2 anos onde obtive várias experiências pedagógicas e humanitárias por ser minha primeira experiência em sala de aula. Continuar estudando após a conclusão do curso é uma questão ainda em aberto para mim, não sei se pretendo continuar em uma pós-graduação ou não. Sei que por algum tempo quero dar aula na rede pública de ensino apesar das dificuldades que certamente encontrarei.*

*Profissionalmente após a conclusão do curso que espero que me prepare para a vida pós-formada, para as inúmeras dificuldades que irei encontrar. Quero que essa formação me ajude a compreender como os processos passados*

*influenciam nosso presente e futuro e acima de tudo gostaria de mudar o mundo através da educação, isso parece utópico e talvez seja, mas quero que pelo menos os alunos que eu tiver possam ver em mim alguém que incentive eles a sempre buscarem mais. Como mensagem Sara, diz que deveríamos pensar mais sobre a formação de alunas negras que é totalmente diferenciada de outras alunas e todas as questões que envolvem a nossa formação acadêmica que normalmente é de 4 ou cinco anos dependendo do curso, o que para algumas alunas negras pode levar um pouco mais de tempo devido a todo um conjunto de questões que envolve as alunas negras dentro do mundo universitário.*

*Pensar o que queremos para o futuro e refletir sobre o que realmente queremos almejamos com nossa formação em cursos acadêmicos. Como vem de uma família do interior expõe que é a primeira a estar na universidade, mas porque ainda seus primos e primas estão no ensino médio ainda. Seus pais cursaram o antigo ginásio e ela agora pelo esforço deles conseguiu chegar ao ensino superior, tem um irmão pequeno que está nas séries iniciais que com certeza também vai para universidade (diário de campo).*

Entrecruzando as informações da entrevista qualitativa semi-estruturada, para algumas das 4 alunas negras entrevistadas percebe-se escolheram os seus perspectivas cursos umas por afinidade, por já terem como no caso da Eli optou pelo curso Educação Especial porque tem duas primas formadas e que atuam na área da educação.

O que para a motiva a estudar e ter um nível profissional igual ou parecido de suas primas que na época delas acha que enfrentaram mais dificuldades que ela por morarem cidades mais no interior do estado do RS. Como diria Bourdieu (1989) retrata que os símbolos e significâncias se tornam instrumentos de que a integração social assim como a ação se torne base para a construção de conhecimento.

Eli participa de grupos de estudos o que muito contribui em sua formação. Entre as 4 alunas negras que estão em cursos de graduação na UFSM, Lise foi a que menos expôs sobre a sua trajetória acadêmica. Como vem de uma família em que é filha única disse que não fazer parte de grupos com bolsa de estudo e que isso não a preocupa porque como filha única sua família lhe dá o aporte financeiro que necessita. Sara a aluna do curso de História também é bem ativa em relação a grupos de estudos e bolsas. Acha importante se envolver, lhe traz conhecimento e habilidades para superar as dificuldades do mundo acadêmico, pretende continuar estudando e se aperfeiçoando cada vez mais. Para Sara que está cursando História percebe que busca na história da abolição e escravatura a motivação para a superação e construção da identidade negra se colocando estrategicamente em

grupos de estudo que possam lhe dar o aporte acadêmico para a construção de seu percurso acadêmico. Se coloca assim em igualdade para poder discutir sobre as novas oportunidades que muito foram excluídas da população negra, o acesso a sua história e educação.

Como expõe Souza (1983) a identidade negra é entendida como um processo construído historicamente em uma sociedade que padece de um racismo ambíguo e do mito da democracia racial. Como qualquer processo identitário, ela se constrói no contato com o outro, no contraste, na negociação, na troca, no conflito e no diálogo.

O autor afirma que ser negro no Brasil é tornar-se negro. E para tornar-se negro num clima de discriminação é preciso considerar como constrói-se a identidade no plano simbólico e cultural das relações acadêmicas se reportando a valores de crença, rituais, mitos e linguagem. Isso se dá de maneira vital nas relações com os outros e principalmente no campo da educação.

E nesse contexto ainda há relações de conflito como Sara relata no momento de sua entrevista, mas também deixa claro que para superar ela se empenha em fazer parte de grupos que lhe dão os meios através do aporte teórico as condições necessárias para possíveis dificuldades. Olivia se comparada com os relatos das outras alunas negras também deixa transparecer que a formação é um processo de aprendizagens e que pretende sempre buscar mais para ter um bom desempenho.

Freire (1996) do “inacabamento do ser humano” que está sempre o aperfeiçoamento tornando o aprendizado rico com uma interação de trocas e conhecimentos. Todas pretendem dar continuidade aos estudos para maior capacitação em suas áreas de formação para isso desde que ingressaram na universidade buscam outros meios de conhecimento para uma maior formação acadêmica e também como seres humanos que possam vir contribuir com a sociedade.

Em Saberes Necessários À Prática Educativa, Freire (1997), relata que a reciprocidade entre a prática de ensinar dos professores são e dão a base para que esse aluno desempenhe ações de comprometimento necessário para sua formação.

Assim o autor relata que

[...] A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. E é ainda o jogo

destas relações do homem com o mundo e do homem com os homens, desafiado e respondendo ao desafio, alterando, criando, que não permite a imobilidade, a não ser em ternos de relativa preponderância, nem das sociedades nem das culturas. E, na medida em que cria, recria e decide, vão se conformando as épocas históricas. É também criando, recriando e decidindo que o homem deve participar destas épocas (FREIRE, 1999, p. 43).

A motivação para as alunas negras nos cursos de graduação da UFSM se faz presente quando as mesmas expõem que buscam além dos teóricos de cada curso, outros meios como participação em Gts, congressos, eventos e palestras a contribuição e continuação de sua trajetória acadêmica. A motivação se origina do latim *movere*, que quer dizer motivar a pessoa a fazer algo impulsionando para algum objetivo (MARTINELLI e BARTHOLOMEU (2007), aqui neste contexto como as alunas negras se relacionam com as diretrizes relacionadas à sua formação.

Todo um conjunto de fatores psicológicos, fisiológicos, intelectual ou afetiva que determina alguma atividade do indivíduo (BZUNECK, 2004; FERREIRA, 2006). As 4 alunas negras, portanto, buscam motivações que ratificam por que estarem em seus respectivos cursos de graduação na UFSM. Cada uma delas com sua bagagem e trajetória passam a construir um novo olhar sobre si mesmas e sobre o outro, seu lugar em sociedade. Para Durkheim (1952, p. 42, 68), a formação educacional

[...] A educação tem por objetivo superpor, ao ser que somos ao nascer, individual e associal – um ser inteiramente novo. Ela deve conduzir-nos a ultrapassar a natureza individual: só sob esta condição, a criança tornar-se-á um homem. Ora, não podemos elevarmos acima de nós mesmo, senão por esforço mais ou menos penoso. [...]. A educação não se limita a desenvolver o organismo, no sentido indicado pela natureza, a tornar tangíveis os germes, ainda não revelados, à procura de oportunidade para isso. Ela cria, no homem, um ser novo (DURKHEIM, 1952, p. 42, 68).

Assim educação tem por objetivo desde a infância, nos primeiros anos de vida com a família, a pré-escola, o ensino fundamental, ensino médio e o ingresso em cursos acadêmicos que proporcionam a formação de indivíduos com uma visão de mundo além de suas expectativas individuais. A formação acadêmica não somente abrirá oportunidades no campo profissional como também proporciona a cada aluno/a, aqui no caso as alunas negras em cursos de graduação na UFSM como irá lhes dar empoderamento feminino econômico, social e cultural perante a sociedade em que vivem.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou através da etnografia usando a visão de Geertz (1989), compreender como deu a construção do conhecimento de alunas negras em cursos de graduação da UFSM. Buscou-se analisar através de entrevistas e relatos descrevendo a percepção dessas alunas negras enquanto discentes de curso universitário, buscou-se traçar um perfil do caminho que poderá lhes abrir portas tanto como profissionais aptas após a graduação como seres atuantes em seus grupos de convivência social e cultural. Espera-se assim com este artigo oportunizar reflexões que possam possibilitar diretrizes a novas alunas negras que ainda estão por vir fazer uma trajetória acadêmica para construção de conhecimento nos cursos de graduação oferecidos pela UFSM. Com a colaboração de 4 alunas negras em cursos de graduação na UFSM procurou-se observar como se dá a trajetória acadêmica das mesmas na construção de conhecimento. Como é a visão dessas alunas em relação aos cursos escolhidos e o que esperam a partir da formação acadêmica quando chegarem a conclusão dos respectivos cursos. Pode-se perceber que o objetivo traçado por cada uma delas está sendo vencido a cada semestre pelo empenho e dedicação as vivências proporcionadas nesse percurso acadêmico. Espera-se com esta pesquisa etnográfica de estudo de caso ter alcançado o objetivo que era dar uma maior visibilidade sobre a construção de conhecimento acadêmico de alunas negras na UFSM. Ao longo das entrevistas com as alunas negras dos cursos de graduação da UFSM, percebemos que entre as 4 discentes cada qual com sua trajetória busca através de seus incentivos e motivações como na visão de Fernandes (1978) construir uma nova perspectiva de vida vencendo barreiras impostas por fatores históricos enraizados e resultantes da condição colonial imposta pela sociedade brasileira. Durante as entrevistas todas revelaram terem acessado à universidade pelas políticas de inclusão mas percebem que ainda falta um maior empenho para que um maior número de alunos não só negros ou negras, mas também das camadas sociais menos desfavorecidas de baixa renda, indígenas e pessoas com necessidades especiais oriundos pelas políticas de cotas sociais possam vir se beneficiar dessas políticas de acessibilidade nas universidades. E como expõe Habermas (2004) a educação nas lutas por inclusão e reconhecimento da cidadania se apresenta de forma democratizada proporcionado assim uma maior interação das relações mais complexas em sociedade. Para Vygotsky (2005) a

educação é um processo social de desenvolvimento e socialização perante as situações. Isso se percebe na forma em que cada aluna negra se relaciona com o curso, como a exemplo de Sara que precisou por questões pessoais de auto estima entender a história de seus antepassados, uma forma de dominar sua própria realidade conforme Freire (1999). A esse fato podemos referir a Lei nº 10.639/03 que inclui nos currículos a inserção sobre as relações étnico-raciais, sobre o “outro” e a alteridade e superação gramatical de dos conflitos sociais segundo Honneth (2003). Através da formação educacional como na visão de Durkheim (1952) cada uma das alunas negras em seus respectivos cursos de formação na UFSM, com sua bagagem e trajetória ocupando os espaços acadêmicos que muitas vezes não lhes são reconhecidos como alenca Fraser (2001) em “*Da Redistribuição ao Reconhecimento? Dilemas da Justiça da Era Moderna*”, desafiam toda uma cultura de exclusão desde os primórdios da construção da sociedade brasileira. A motivação como na visão de Bzuneck (2004) e Ferreira (2006) das alunas negras em cursos de graduação da UFSM, retratada por fatores como os psicológicos, fisiológicos, intelectual ou afetiva determina que essas alunas busquem construir um novo olhar sob si mesmas e sobre o outro e seu lugar em sociedade e para tanto buscam além dos próprios cursos de graduação se inserirem em grupos de estudos que darão um maior aporte na sua formação acadêmica visando se tornarem profissionais aptas a exercerem uma profissão para o mundo do trabalho que está cada vez mais exigente. Munanga (2008) expõe que a emancipação do indivíduo através da formação educacional permite questionar e desconstruir mitos de superioridade e inferioridade entre os diferentes grupos étnicos que compõem a estrutura social brasileira. Conclui-se que este artigo de conclusão de curso buscou através das entrevistas, relatos e o diário de campo preservando a identidade de cada aluna dos cursos de graduação da UFSM, expor um pouco como se dá a trajetória para a formação acadêmicas das alunas negras.

## REFERENCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **Tempos, Narrativas e Ficções: A Invenção de Si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo – Fatos e Mitos**. Tradução de Sergio Milliet. 4 Ed. São Paulo. Difusão Européia do Livro, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1989.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília, DF. 1988.

BRASIL. **Lei Nº. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996**, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 2003.

BRASIL. Decreto nº 5.773. 2006. **Diário Oficial da União**, 2006.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BZUNECK, José Aloyseo. **A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, Cap.1, p. 09-36, 2004.

DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia**. 3. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1952.

FERNANDES, Florestan. **A Integração do Negro na Sociedade de Classe**. Editora Ática, 1978.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo Editora, 2006.

FRASER, Nancy. “Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça na era pós-socialista”. In: SOUZA, Jessé (Org.). **Democracia hoje: novos desafios para a teoria democrática contemporânea**. Brasília: EdUnB, 2001.

FREIRE, Paulo. Não há docência sem discência. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia - Saberes Necessários À Prática Educativa**. São Paulo, Brasil: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Educação Como Prática da Liberdade**. 23. ed. São Paulo, Brasil: Paz e Terra, 1999.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

HABERMAS, Jürgen. **A inclusão do outro: estudos de teoria política**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. 34. ed. São Paulo, p. 29-36, 2003.

LOURO, Guacira. Epistemologia feminista e teorização social – desafios, subversões e alianças. **Coletânea Gênero plural**. Miriam ADELMAN; Cilsí Brönstrup SILVESTREIN (organizadoras). Curitiba. UFPR, 2002.

MARTINELLI, Selma de C.; BARTHOLOMEU, Daniel. **Escala de Motivação Acadêmica: Uma Medida de Motivação Extrínseca e Intrínseca**. **A Avaliação Psicológica**, vol. 6, núm. 1, junho, 2007, pp. 21-31 Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica Ribeirão Preto, Brasil

MUNANGA, Kabengele. A mestiçagem no pensamento brasileiro. In: MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, N. 2, p. 71-99, 1995.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Aprender, Ensinar e Relações Étnico-Raciais no Brasil**. Porto Alegre/RS, ano XXX, v. 3, n. 63, p. 489-506, set/dez. 2007.

SOUZA, Neusa Santos. **“Tornar-se negro” – As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Graal, 1983.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Pensamento e linguagem**. 3. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, Tradução Jefferson Luiz Camargo. 2005.

## **PESQUISA INTERNET DE DADOS ESTATÍSTICOS**

<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/32044-censo-da-educacao-superior>. Acesso em: 05 out. 2018.

<http://www.inep.gov.br/>. Acesso em: 05 out. 2018.

[http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com\\_content&id=2673%3Acatid%3D28&Itemid=23](http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2673%3Acatid%3D28&Itemid=23). Acesso em: 11 out. 2018.

[https://www.google.com.br/search?q=NEGROS+NA+UNIVERSIDADE+GRAFICOS&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=2ahUKEwjJ3dGQ-e\\_dAhVEh5AKHWRUAZ4QsAR6BAgEEAE&biw=1600&bih=789&safe=active&ssui=on](https://www.google.com.br/search?q=NEGROS+NA+UNIVERSIDADE+GRAFICOS&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=2ahUKEwjJ3dGQ-e_dAhVEh5AKHWRUAZ4QsAR6BAgEEAE&biw=1600&bih=789&safe=active&ssui=on). Acesso em: 15 out. 2018.

<http://emec.mec.gov.br/emec/educacao-superior/cursos>. Acesso em: 15 out. 2018.

<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/onde-e-quando-surgiu-a-primeira-universidade-2/>. Acesso em: 15 out. 2018.

<http://www.seppir.gov.br/assuntos/o-que-sao-acoes-afirmativas>. Acesso em: 15 out. 2018.

## **ANEXOS ABAIXO RELACIONADOS**

### **ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado(a) participante:

Sou graduanda do curso **LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS – CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS** da UFSM. Estou realizando pesquisa para conclusão de TCC II Sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> **Leonice Aparecida de Fátima Alves Pereira Mourad**, cujo objetivo é compreender sobre a Formação de Alunas Negras no Curso de Ciências Sociais.

Sua participação envolve uma entrevista, que será poderá ser gravada ou respondida em forma de questionário dependendo da disponibilidade das alunas.

A participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo.

Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificação.

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pela orientadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> **Leonice Aparecida de Fátima Alves Pereira Mourad**, email [profleo@ig.com.br](mailto:profleo@ig.com.br).

Atenciosamente,

---

**CLAIR TEREZINHA PENNA CÔRTE REAL**  
**Matrícula: 2016510131**

---

Local e data

**Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.**

---

Nome e assinatura do participante

---

Local e data

## ANEXO B - ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADO JUNTO ÀS DISCENTES DA UFSM

Clair Terezinha Penna Côrte Real

Discente Curso Licenciatura Em Ciências Sociais UFSM

Disciplina TCC II

### Questionário

Este questionário fará parte da coleta de dados para uma etnografia de um Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais Licenciatura na UFSM. Está sob a orientação da **Profr<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Leonice Aparecida de Fátima Alves Pereira Mourad** - email profleo@ig.com.br

1. Nome: \_\_\_\_\_
2. Idade: \_\_\_\_\_
3. Curso: \_\_\_\_\_
4. Matrícula: \_\_\_\_\_
5. Instituição: \_\_\_\_\_
6. Você estudou em escola pública? Sim ( ) Não ( ) \_\_\_\_\_
7. Descreva um pouco sua trajetória escolar \_\_\_\_\_
8. O que a levou escolher o curso.....? \_\_\_\_\_
9. Como você se vê no curso? \_\_\_\_\_
10. Qual das áreas está mais próxima dos seus objetivos em relação ao seu curso?  
\_\_\_\_\_
11. Porque? \_\_\_\_\_
12. Além do curso à noite você faz ou participa de grupos de estudos ou bolsa?  
\_\_\_\_\_
13. É importante para sua formação outras fontes de conhecimento? \_\_\_\_\_
14. Após a conclusão do curso pretende continuar estudando? \_\_\_\_\_
15. Profissionalmente o que espera com a formação do curso em .....?  
\_\_\_\_\_

